

MEMÓRIA E IDENTIDADE NA ESCRITA DE “PASSO DE CARANGUEJO”, DE GÜNTHER GRASS

GABRIEL FELIPE PAUTZ MUNSBERG¹; DANIELE GALLINDO GONCALVES SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabriel_munshberg@yahoo.de

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

No campo da literatura contemporânea existe a desconfiança duplicada do leitor comprometido com a narrativa em virtude do narrador suspeito, como indicam teóricos como Dalcastagnè (2001). Seguindo raciocínio semelhante, Agambem (2009) afirma que “o poeta – o contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo”, porém é sabido o quão necessário é conhecer e entender o passado para compreender o presente. E é assim que o personagem-narrador de “Passo de caranguejo”, de Günter Grass, expõe as histórias do romance: “Mais uma vez, tenho que voltar para trás, a passo de caranguejo, antes de avançar” (GRASS, 2002, p. 102).

Breves comentários e considerações iniciais sobre a leitura crítica da obra “*Im Krebsgang*”, escrita em 2002 e traduzida para o português no mesmo ano, serão apresentados neste trabalho. Esta novela alemã revela paralelamente as histórias do assassinato do chefe suíço do NSDAP Wilhelm Gustloff em 1936, do naufrágio do navio de cruzeiro alemão batizado com o mesmo nome do citado líder nazista em 1945 e a história de Paul Pokriefke, jornalista falido nascido durante a ruína de tal embarcação e as consequências que questões como o nacional-socialismo e o antissemitismo ainda podem ter atualmente em sua vida.

Com a problematização da memória e identidade focadas na escritura, este trabalho tem como objetivo analisar de que formas tais memórias são recuperadas, a partir de que vozes a história é dada como verdadeira e por que determinados fatos são avaliados em detrimento de outros ou, como o próprio narrador se indaga: “Por que Konny mentia? Por que o rapaz engana a si mesmo e às outras pessoas?” (idem, p. 99).

2. METODOLOGIA

Este trabalho desenvolveu-se sobre os seguintes pressupostos: narrativas contemporâneas, identidade e memória e escrita. Para problematizar a narrativa contemporânea, foram utilizados AGAMBEM (2009) e DALCASTAGNE (2001), embora esta última pesquisadora trate sobre a produção literária brasileira, aqui são utilizados termos cunhados por esta como o de “leitor comprometido” e “narrador suspeito”. Já os conceitos de identidade e memória são oriundos dos trabalhos de CANDAU (2012) e SELIGMANN-SILVA (2003); enquanto que a noção de escrita é discutida por ZILBERMAN (2006).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra nos é apresentada através das inquietações do personagem-narrador Paul Pokriefke frente à incompreensão de sua própria identidade, ao mesmo

tempo que confronta suas relações familiares e ideológicas entre sua mãe e seu filho.

Como o próprio título da obra aponta, o personagem-narrador Paul Pokriefke volta no tempo, retoma a história do assassinato do líder nazista e do naufrágio do cruzador em que nasceu para avançar ao tempo presente e relativizar sua relação com a mãe, Ursula, e o filho, Konrad. Ao realizar a relativização de suas relações familiares, o jornalista busca também por sua própria identidade no momento em que descobre que seu filho rumo aos movimentos de extrema-direita alemães, influenciado pela avó, construindo um site em memória ao “mártir” Wilhelm Gustloff.

A relação entre memória e identidade é de grande importância na narrativa e, como aponta Jacques Le Goff (1988), “admite-se geralmente que memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas” (LE GOFF apud. CANDAU, 2012, p. 10). É ao relatar os acontecimentos do naufrágio que o protagonista rememora seu nascimento durante o resgate de sua mãe e, conseqüentemente, avalia sua origem: não sabe quem é seu pai e não tem certeza se realmente nasceu dentro do torpedeiro *Löwe*, pois a história contada por sua mãe sofre pequenas, mas importantes, modificações cada vez que é relatada. A saída de casa na adolescência para ir estudar na Alemanha Ocidental durante o período da Guerra Fria, ocasionando um distanciamento geográfico ao mesmo tempo ideológico de sua mãe, lhe diminui logicamente sua aproximação com ela, sua única família até então, e diminui conseqüentemente sua noção de identidade no mundo. Apesar de seu desejo de acabar com o assunto e encontrar respostas para sua localização no mundo e dentro da própria família, Paul vê-se insistentemente discutindo sobre fatos ligados às suas origens identitárias e ideológicas, baseados nas memórias de Ursula e, ao final, em Konrad, pois “a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade” (CANDAU, 2012, p. 18).

Para que o entrelaçamento de memória e identidade aconteça, a escrita é tomada nesta obra pelo personagem-narrador, Paul, e também por seu filho, Konrad; o primeiro em virtude da encomenda realizada pelo “Velho” (“*der Alte*”)¹ e o segundo pela atualização de seu *website*. Para discutir a escrita como ato recuperador de memórias, recorreremos ao trabalho de Regina Zilberman, que relê as teorias propostas por Walter Benjamin, visto que este “está interessado em diagnosticar o mal do século, caracterizado pela perda da experiência, que obstrui a linguagem e cala o homem” (ZILBERMAN, 2006, p. 122). Cala-se o homem pois rememorar é uma “tragédia árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma – e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação –, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52).

Paul demonstra-se tácito quanto às histórias que são contadas por sua mãe, embora ela tenha lhe pedido que escrevesse sobre o fatídico dia. Ao negar tal pedido e manter-se calado, o protagonista deseja pelo próprio apagamento: “Não satisfazer o dever da memória é expor-se ao risco do desaparecimento” (CANDAU, 2012, p. 125). É um antigo professor de Paul que lhe solicita que

¹ Personagem ambígua na narrativa: tanto é o chefe de Paul (“Meu ex-professor, por outro lado, deve ter perdido completamente a veia literária, caso contrário não me teria contratado como seu *ghostwriter*”, GRASS, 2002, p. 29), quanto pode ser interpretado como uma representação do próprio Grass dentro do texto. Paul inscreve-se na obra, desta forma, como um *Ghostwriter*, que toma para si a incubência de retomada do passado que seria de um outro (“É uma culpa que corrói a consciência do Velho. Na verdade, diz ele, sua geração tinha a obrigação de registrar o sofrimento dos fugitivos da Prússia Oriental”, GRASS, 2002, p. 95).

registre por escrito sobre o navio *Wilhelm Gustloff*, seu naufrágio, o resgate de Ursula e seu próprio nascimento. Este trabalho apresenta-se desagradável e dificultoso: “A História, ou melhor, as histórias que vivemos remoendo são como uma privada entupida. Por mais que se dê descarga, a merda sempre vem à tona” (GRASS, 2002, p. 110) e “sim, nós movimentamos palavras para lidar com o passado: ele tem que ser expiado, revisto e superado, e dar um jeito nele pressupõe um esforço de luto e penitência” (idem, p. 111). Visto o desconforto do personagem com seu próprio passado, pode-se identificar que nesta narrativa “perpassa o discurso ambíguo da própria linguagem articulada em texto, incapaz de garantir a fidelidade, a verdade, das circunstâncias e dos episódios rememorados” (CRUZ, CUNHA, 2013, p. 3).

Obrigado a revolver o passado, Paul trabalha constantemente com a inquietação que a ferida aberta proporciona, e busca assim identificar o que transtorna suas relações familiares. Porém, nada disso lhe é útil, como o próprio encerra o texto literário: “Isso não vai acabar. Nunca isso vai acabar” (GRASS, 2002, p. 205).

4. CONCLUSÕES

Valendo-se de que a obra “Passo de caranguejo” relata um conjunto de acontecimentos, necessitando do auxílio de memórias nos mais variados moldes, em busca da unificação do indivíduo e de sua presença dentro de um contexto, podemos considerá-la como narrativa contemporânea. O protagonista da narrativa, Paul Pokriefke, é definido, assim, como um sujeito fragmentado e, como tal, relativiza sua realidade como ser humano e suas relações pessoais baseado no memorial.

Sabendo-se também que “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido” (CANDAU, 2012, p. 61), o protagonista somente encontra a confirmação de sua incompletude frente ao mundo que não sabe de sua existência, que o ignora ou que lhe considera um fracassado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEM, G. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. Trad. de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CRUZ, L. G., CUNHA, J. M. S. A literatura de Beatriz Bracher: para falar de “Não falei”. In: **XXII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, Pelotas, 2013. Anais. Pelotas: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2013.
- DALCASTAGNE, R. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. **Diálogos Latinoamericanos**, Dinamarca, n. 3, p.114-130, 2001.
- GRASS, G. **Passo de caranguejo**. Trad. de Flávio Quintiliano. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- GRASS, G. **Im Krebsgang. Eine Novelle**. 6ª edição. München: DTV, 2011.
- SELIGMANN-SILVA, M. **História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- ZILBERMAN, R. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, 2006.